

GUERRA FRIA E REPRESENTAÇÃO NO FILME ROCKY IV (1985)

Leomar Oliveira Diniz¹

Patrícia Emanuely dos Santos Bezerra²

RESUMO

Discute a representação do antagonismo entre os Estados Unidos da América (EUA) e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no contexto da Guerra Fria na obra fílmica Rocky IV de 1985. A obra cinematográfica articula-se com o contexto histórico e social do recorte temporal a qual se refere, tornando este filme viável para a pesquisa histórica. Nosso enfoque não é necessariamente a Guerra Fria, mesmo que seja o contexto social e político da época de produção e representação do filme, mas como este conflito é disposto no filme. No que concerne aos aspectos metodológicos foi utilizado a Análise do Discurso, preconizada por Eni Orlandi (2009) para analisar, para ler e interpretar os diálogos e as imagens produzidas na obra fílmica.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Fria. Rocky Iv. Representação.

INTRODUÇÃO

O filme Rocky IV, do escritor e ator principal Sylvester Stallone, lançado em 1985 tem como enredo a luta entre os boxeadores Rocky Balboa e Ivan Drago, interpretado por Dolph Lundgren, após este último ter matado seu amigo, Apollo Creed, em uma luta de exibição. Até este momento parece mais um filme hollywoodiano. Entretanto, este foi produzido durante a Guerra Fria, conflito político, militar (não diretamente) e ideológico entre os Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o que acabou sendo

¹ Pós-graduado Cultura e Literatura pela Faculdade Sucesso-FACSU. Graduado em História - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN – CERES). E-mail: leomarsbpb@gmail.com

² Pós-graduada em Tutoria em Educação a Distância pela Faculdade Sucesso-FACSU. em História - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN – CERES). Tutora Guardiã nos cursos EAD na Faculdade Sucesso-FACSU. E-mail: patriciaemanuely12@hotmail.com



representado no filme, através das figuras de Rocky e Apollo – Estados Unidos – e Ivan Drago – União Soviética.

Rocky IV é uma representação dos conflitos entre os blocos capitalista e socialista, esta rivalidade é representada nos diálogos, nas imagens e músicas. Não é apenas Rocky contra Ivan Drago, mas é também Estados Unidos contra União Soviética, uma disputa representada através da luta de boxe e do cinema, o mocinho (Rocky/EUA) contra o vilão (Ivan/URSS).

O filme de Stallone foi produzido em paralelo com o desenvolvimento da política externa de Ronald Reagan, que aumentou o investimento no setor militar e criou momentos de tensões com a colocada de mísseis de médio alcance na Europa.

Desta forma, buscaremos analisar como o filme Rocky IV representa os conflitos ideológicos da Guerra Fria e como o “outro” é visto – a União Soviética representada por Ivan Drago. A obra cinematográfica articula-se com o contexto histórico e social do recorte temporal a qual se refere, tornando este filme viável para a pesquisa histórica. Nosso enfoque não é necessariamente a Guerra Fria, mesmo que seja o contexto social e político da época de produção e representação do filme, mas como este conflito é disposto no filme.

O cinema, visto como elemento de cultura de massa, é um dos meios mais eficazes para propagar e influenciar a sociedade com determinadas ideias ou ideologias, penetra do cotidiano das pessoas, evidencia uma determinada visão de mundo da sociedade que produz a película. Os filmes são formadores de opinião, seja ficcional ou não, representam uma possibilidade histórica, uma visão de mundo.

O filme aqui escolhido como fonte primária é uma obra de ficção, torna-se necessário afastar alguns pré-conceitos existentes quanto ao gênero visto que a “(...) mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção carrega por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura” (BARROS, 2011, p. 180).

Entretanto, o uso do cinema como fonte histórica é bastante recente, considerando que o cinema foi inventado no final do século XIX pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, sendo Marc Ferro, historiador francês pertencente a terceira geração da Escola dos Annales, o primeiro a ter a percepção do cinema como fonte histórica em meados de 1970. O cinema

passou a ser visto como lugar privilegiado de representações de contextos históricos, sociais e culturais.

Foi ainda Marc Ferro que superou a visão negativa do cinema para com os historiadores, pois estes viam o cinema como a simples manipulação de cenas, representava a falsificação documental. Foi então que o cinema passou a ser visto como uma representação da realidade, da realidade construída na obra e como representação da realidade que constrói a obra fílmica. Foi abandonada a concepção de que o cinema era um espelho que refletia a realidade tal como ela era (KORNIS, 1992).

A expansão do cinema como fonte histórica só foi possível com a chamada “Nova História”, que em meados de 1970 engendrou uma revolução historiográfica, ou seja, novos objetos e temas foram colocados em evidência no *métier* do historiador.

Entre as áreas que foram beneficiadas com o uso do cinema está a História Cultural, como a define Roger Chartier (2002, p. 16) “a história cultural tal como a entendemos tem por principal objeto identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. As construções e representações nos filmes “permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER 2002, p. 49), ou seja, o que é representado no filme e a sociedade que constrói a representação.

Desta forma, o conceito de representação que emerge nesta análise é dado a partir de Roger Chartier, no qual considera que as representações

são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade (...) Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 17).



Desta forma O conceito de representação de Chartier (2002) evocado permitiu enxergar as tensões ideológicas criadas no filme Rocky IV e a representação da visão americana sobre os soviéticos.

No que concerne aos aspectos metodológicos foi utilizado a Análise do Discurso, preconizada por Eni Orlandi (2009) para analisar, para ler e interpretar os diálogos e as imagens produzidas na obra fílmica.

O texto do artigo é dividido em duas seções. Na primeira, discutimos os aspectos metodológicos da relação entre História, Cinema e política. Na segunda, analisamos a representação do outro, os soviéticos, e do contexto político representado no filme Rocky IV. Ao final do artigo, apresentamos considerações finais sobre a análise aqui promovida.

1 História, cinema e política: relações no *métier* do historiador

O cinema como fonte histórica começou em meados de 1970 com o historiador francês Marc Ferro. O cinema passou a ser visto como representação da realidade, não como um espelho que refletia a imagem imediata, ou seja, “a imagem em si não ilustra e nem reproduz a realidade tal como ela é, ela reconstrói a realidade com uma linguagem própria a partir de um dado contexto histórico” (RIVAS, 2015, p. 12). Segundo Ferro

O filme pode tornar-se um documento da pesquisa histórica, na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica. Esta definição é o ponto de partida que permite tirar o filme do terreno das evidências: ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. (FERRO, 1992, p. 86)

A “Nova História” permitiu os avanços dos debates teóricos e metodológicos sobre o uso do cinema como fonte permitiu que este pudesse ganhar espaço no rol dos objetos da pesquisa histórica. Segundo o historiador brasileiro José D’Assunção Barros (2011, p. 178), o cinema é “um meio de representação”.

A representação cinematográfica tem caráter duplo: o primeiro é o mais imediato, que reside na representação que ocorre no filme; o segundo aspecto reside na possibilidade de



acessar a realidade no qual o filme foi produzido. Ou seja, permite analisar como a sociedade apresenta determinada visão do passado, presente ou futuro.

O cinema foi usado para fins políticos e ideológicos, como no caso da Alemanha nazista, em que o uso da propaganda por meio dos filmes foi um dos principais pilares para o regime de Hitler, para suas ideais raciais e políticas. O cinema como cultura de massas é um espaço privilegiado para expor ideias e condicionar visões de mundo, tem caráter pedagógico também.

Marcos Napolitano (2008) o cinema enquanto fonte histórica pode ser dividida em três categorias

o cinema na história é o cinema visto como fonte primária para a investigação historiográfica; a história no cinema é o cinema abordado como produto de discurso histórico e como interprete do passado e finalmente, a história do cinema enfatiza o estudo dos avanços técnicos, da linguagem cinematográfica e condições sociais de reprodução e recepção dos filmes (NAPOLITANO, 2008, p. 240).

Neste trabalho adotamos a concepção de que o filme Rocky IV é visto como fonte primária, no qual assumiu como espaço de representação da Guerra Fria, devido ao seu caráter duplo: produzido durante um contexto específico e representante deste contexto na narrativa fílmica.

A análise de filmes para a pesquisa histórica se preocupa com o figurino, estrutura do cenário, plano principal e plano de fundo, os aspectos técnicos como o enquadramento da câmera, expressões faciais e verbais dos atores e atrizes, da imagem, trilha sonora. Deve-se também, segundo Barros (2011), analisar a complexa rede que permeia a síntese de um filme, por exemplo, a locação das filmagens, produção, distribuição, exibição e a recepção do espectador e a crítica, bem como a bilheteria do filme.

2 Representação na obra fílmica Rocky IV: Guerra Fria e o “outro”

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os EUA e a União Soviética emergiram como as duas grandes potências mundiais, de um lado representando o capitalismo, e de outro o comunismo, respectivamente. Ambas potências tinham projetos de mundo diferente, levando ao acirramento entre ambas. Era a chamada Guerra Fria, no qual as duas

potências estavam em disputa ideologia, estratégica e armamentista, que ditou o ritmo da política e da economia em todo o mundo.

Segundo John L. Gaddis (2007) a polarização entre Estados Unidos e União Soviética já podia ser sentida antes do término da Segunda Guerra. O exemplo desta separação foi na comemoração da vitória contra os nazistas, quando a Frente Ocidental em Reims na França, no dia 17 de maio, e na Frente Oriental, em Berlim em 8 de maio. Ou até mesmo a divisão da Alemanha, no qual a Alemanha Oriental esteve ocupada pelo exército vermelho, e a Alemanha Ocidental sob a tutela do mundo capitalista liderado pelos EUA. Esta polarização foi marcada pela construção do muro de Berlim em 1963.

O mundo foi dividido em dois grandes blocos ou zonas de influências que eram antagônicos, que orbitavam as duas superpotências: de um lado os capitalistas e do outro os comunistas. Os estadistas de ambos as potências tinham visões diferentes: Roosevelt buscou a paz e a segurança para o desenvolvimento do capitalismo, enquanto Stálin angariava territórios e assegurava a expansão do comunismo na Europa, como os países do leste europeu que foram libertados dos alemães pelo exército vermelho continuaram a ter o exército vermelho em seu território. A chamada “cortina de ferro” que a União Soviética criou na Europa.

Ambos os criaram organizações e alianças político-militares para assim estabelecer ajuda mútua em caso de ataque, no lado capitalista há a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criada em 1949, e logo em seguida a URSS e os países do leste europeu estabelecem o Pacto de Varsóvia, formado em 1955.

De um lado a maior potência econômica do mundo, os Estados Unidos, enquanto a União Soviética, mesmo com os milhões de baixas durante a Segunda Guerra, detinham o maior exército, tornando-se a maior potência militar no que diz respeito ao contingente do exército, mas a capacidade tecnológica norte-americana equiparava as forças, ou seja, o controle da bomba atômica.

O conflito de interesses ideológicos econômicos entre os EUA e URSS determinaram grande parte das relações mundiais do pós-1945 até 1989/1991 onde temos a queda do Muro de Berlim em 1989 e a dissociação e fragmentação da URSS em 1991 marcam o fim da Guerra Fria.

A expressão “Guerra Fria” para retratar o período entre 1945 e 1991 é devido ao momento político e militar criado entre as duas potências, no qual não houve confronto militar direto, devido, por mais paradoxalmente que possa parecer, as bombas nucleares e compreensão que uma guerra entre EUA e URSS levaria ao fim do mundo. Houve conflitos entre países que estavam sob influência de ambas, como ocorreu na Guerra da Coreia (1950-1953) e na Guerra do Vietnã (1959-1975).

A Guerra Fria pode ser dividida em dois períodos, o primeiro deles é marcado com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e vai até 1961, este período é chamado de “Guerra Fria clássica”; o segundo momento tem início em meados de 1960, é chamado de *détente*, período de afrouxamento das tensões entre EUA e URSS.

Após o fim da Segunda Guerra a Europa estava devastada, as potências europeias estavam enfraquecidas. Para contornar esta situação os EUA desenvolveram o Plano Marshal, que era um plano de ajuda econômica para auxiliar os países pós-guerra, bem como assegurar a influência norte-americana nos países que recebiam ajuda. Aliado a política de recuperação econômica, os EUA também buscaram conter o avanço do comunismo, a chamada Doutrina Truman, que atuou em escala mundial.

A partir de 1960 a Guerra Fria entra na chamada segunda fase, conhecida como *détente* ou afrouxamento das tensões entre URSS e os EUA. Mas não durou muito, já no governo de Jimmy Carter (1977-1980), no qual Ronald Reagan, eleito em 1980, deu continuidade. Reagan era crítico da *détente* e da estratégia da Destruição Mutuamente Assegurada, devido ao uso das armas nucleares. O presidente norte-americano rejeitava a igualdade entre ambas potências, em seus discursos defendia a supremacia e invulnerabilidade dos EUA.

Esta guerra ideológica viu no cinema um grande potencial para divulgar suas ideias e visões de mundo. Hollywood foi um dos grandes centros de divulgação do estilo de vida norte-americano, e usado como forma de propaganda para promover o capitalismo e a criação de um inimigo, no caso os soviéticos e o comunismo.

E no contexto da Guerra Fria o cinema norte-americano produziu diversos filmes que se utilizaram desta temática, o embate entre as duas potências. A lista de filmes é longa, mas entre

eles podemos citar a trilogia “Rambo”, que retrata a Guerra do Vietnã, Amanhecer Violento (1984), que representa a invasão soviética aos EUA.

Entre estes filmes produzidos durante a Guerra Fria está Rocky IV, de 1985. O filme foi escrito por Sylvester Stallone que também faz o papel principal. O filme possui uma das maiores bilheterias daquele ano, arrecadou em torno de 300 milhões de dólares, foi a terceira maior bilheteria.

O filme trata da carreira de Rocky Balboa, campeão mundial dos pesos pesado de boxe. O enredo do filme se desenrola com a chegada de Ivan Drago nos EUA, pugilista da União Soviética, no qual desafia Balboa para uma luta de exibição. Entretanto, o ex-boxeador e amigo Balboa, Apollo Creed, decide que gostaria de lutar contra o russo. Nesta luta Apollo é morto por Drago, que não demonstra nenhuma consideração pelo seu adversário. Eis então que Balboa decide viajar para a Rússia para enfrentar Drago.

Além da luta entre os pugilistas é nítida a representação do estilo de vida americano no filme, a tecnologia do mundo capitalista, a riqueza, os carros e as grandes empresas.

Uma das cenas iniciais e mais impactantes do filme é que logo nos apresenta o que esperar é quando duas luvas de boxe, uma com a bandeira dos Estados Unidos da América e outra com da União Soviética, batem uma da outra e ocorre uma explosão. Uma metáfora bastante pertinente para o contexto no qual o filme foi produzido, em que os EUA e URSS ameaçavam o mundo com uma guerra nuclear que poderia destruir ambos e o mundo.

Figura 01 - Cena do filme Rocky IV



Fonte: Rocky IV, 1985

Podemos dividir o enredo do filme em duas partes. Nesta primeira fizemos uma análise de como Ivan e Apollo são representados no filme. Na última parte focamos no personagem Rocky Balboa e seu signo como mocinho do filme.

O personagem Ivan Drago, que é interpretado pelo ator Dolph Lundgreen, é um atleta da União Soviética. Dragon é um membro do Exército Vermelho, identificado quando chega nos EUA trajando seu uniforme e com a patente de capitão. É campeão de boxe olímpico de amadores. Drago é caracterizado como um personagem frio, um exemplo é quando não se importa com a morte de Apollo, sem expressões faciais e de poucas palavras. É criado um estereótipo sobre os soviéticos e de fixar os comunistas como “maus” e insensíveis. É representado também que o russo usa drogas anabolizantes para desenvolver um porte físico sobre-humano, bem como representando-o como uma máquina sem sentimentos.

Já o personagem Apollo Creed, que é interpretado por Carl Weathers, representa os EUA, se identifica e se confundi com o estilo de vida norte-americano, a terra das oportunidades. Apollo toma para si a responsabilidade de enfrentar Drago, aqui podemos fazer uma paralelo com a Doutrina Truman de combater o comunismo.

Na luta entre ambos os personagens é nítida a representação que os dois apresentam, tanto que Apollo entre caracterizado de “Tio Sam”, enquanto Drago luta com as cores da União Soviética. Apollo apresenta toda a pompa de um personagem carismático, apresenta-se como um detento do estilo americano, ao som de James Brown.

Figura 02 – Apollo Creed em Rocky IV

Fonte: Rocky IV, 1985

Com a morte de Apollo Rocky decide lutar contra Ivan Drago. Percebe-se aqui a simbologia e a lógica estadunidense, de que apenas entram em uma guerra com a justificativa de uma ameaça. Uma passagem interessante que podemos perceber na coletiva de imprensa para anunciar a luta dos dois é quando o personagem Paulien, interpretado por Burt Young, quando diz: “Não mantemos nossa gente detrás de um muro com metralhadoras”, aqui se refere a crítica do mundo capitalista/liberal ao autoritarismo soviético.

Eis então que Balboa viaja para treinar e lutar na Rússia. Durante a estadia na Rússia, Balboa é sempre vigiado por agentes do governo, representando a vigilância total sobre o inimigo.

Na
Rocky
papel de
que
sem



figura de
está o
mocinho,
treina

equipamentos sofisticados ou com uma equipe, representa a superação das adversidades, confundisse com os EUA. Enquanto Drago encarna o vilão, que utiliza anabolizantes e treina com um forte aparato tecnológico, associando-o à uma máquina.

Figura 03 – Balboa contra Drago



Fonte: Rocky IV, 1985



Balboa tem a bandeira dos EUA estampada em seu calção, representa não apenas ele, mas os Estados Unidos, enquanto Drago também tem a bandeira da URSS em seu calção, representa a União Soviética. No filme, Rocky Balboa (os EUA) vence a luta após 15 rounds sob os



aplausos dos próprios soviéticos e até membros do alto escalão e o líder Mikhail Gorbachev, representado por um sósia, que antes o hostilizavam.

Após a luta, Rocky faz um breve discurso, diz que "se eu posso mudar... se vocês podem mudar... todos podem mudar". Convida a todos a mudarem, a vitória de Rocky/EUA representa a soberania norte-americana e do capitalismo, é isto que é transmitido ao final do filme, a vitória dos EUA sobre a União Soviética.

Considerações finais

O cinema como fonte histórica permite acessar a realidade diversas, seu caráter duplo, o primeiro consiste no mais imediato, no que é representado no filme, o que é mais fácil captar, o segundo refere-se à sociedade que produz a obra, a visão desta sobre a realidades históricas, ficcionais ou até mesmo sobre o "outro".

A Guerra Fria foi o conflito ideológico e político entre as duas superpotências União Soviética e EUA, as duas potências que emergiram após a Segunda Guerra Mundial. Só não foi um conflito militar direto pois os riscos de destruição em massa, destruição mútua e do fim do mundo, devido a possibilidade do uso de armas nucleares. Por mais paradoxalmente que possa parecer, o que manteve a paz durante os 45 anos de Guerra Fria foram as armas nucleares, que poderiam devastar o inimigo, mas também a si mesmo.

Destarte, as duas potências se enfrentaram em outros campos, na busca de zonas de influências, na corrida espacial, na representação do outro, nos discursos. Entre estes embates o filme Rocky IV está inserido, produzido em 1985, o embate entre o personagem principal que dá nome ao filme e Ivan Drago representava muito mais que estes dois, era o combate entre os EUA e a União Soviética. Era a visão norte-americana sobre os soviéticos, vistos como os inimigos sem emoções e sem expressão.

O filme de Stallone era uma verdadeira obra fílmica de propaganda pró- EUA, era o estilo de vida norte-americano representado, a tecnologia, os benefícios do capitalismo e, principalmente, a vitória dos EUA/Rocky sobre o inimigo URSS/Ivan. Representava a vitória do capitalismo perante ao comunismo soviético.



Fonte

Obra fílmica

ROCKY IV. Direção: Sylvester Stallone, Produção: Robert Chartoff e Irwin Winkler, Estados Unidos, United Artists, 1985. 91 min.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. Ano 32, n. 55, jan./jun. 2011, p. 175-202.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 5ª Edição. São Paulo. Paz e terra. 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. DIFEL, 2002.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009.

DAVSON, Felipe Pereira da Silva. O cinema como fonte histórica e como representação social: alguns apontamentos. **História Unicap**, v. 4, n. 8, jul./dez. de 2017, p. 263 - 273.

FERRO, MARC. O filme uma contra-análise da sociedade? In: LE Goff, J.; NORA, P. (Orgs). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 199- 215.

FERRO, MARC. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADDIS, John Lewis. **A Guerra Fria**. Edições 70 - Lisboa, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.237-250.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A história depois do papel. In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 2 ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.



NAVARRETE, Eduardo. O cinema como fonte histórica: diferentes perspectivas teórico-metodológicas. **Revista Urutágua** – revista acadêmica multidisciplinar. Nº 16 – ago./set./out./nov. 2008, p. 20-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.

RIVAS, Ramon Patrick. **História, Esporte e Cinema**: o boxe e a Guerra Fria no filme “Rocky IV” (1985). 2015. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Michelly Cristina. Política e Cinema: Hollywood e o Estado norte-americano na construção de representações da URSS e do comunismo nos filmes Missão em Moscou (1943) e Eu Fui um Comunista para o FBI (1951). In: **XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

SILVEIRA, Mariana G. Alves da; ALVES, Vágner Camilo. A Guerra Fria e o inimigo comunista nas telas de cinema norte-americanas dos anos 1980. **Diálogos**, v.22, n.1, (2018), 60 - 75.